

Quando daqui a uns anos alguém escrever sobre a música pátria do princípio do século XXI, não poderá esquecer A Naifa, a primeira banda de culto portuguesa dos anos 2000 a ficar para a história. — Ao terceiro disco, contam já com um vasto público seguidor das canções que têm incendiado as grandes salas de concertos de todo o país. — Fomos com eles à Moita.

NAIFA

afurada

TEXTO Sarah Adamopoulos
FOTOGRAFIA Clément Darrasse



São quatro: João Aguardela (baixo), Luís Varatojo (guitarra portuguesa), Paulo Martins (bateria) e Maria Antónia Mendes (Mitó, a vocalista). *Uma Inocente Inclinação para o Mal* é o terceiro disco que editam em nome d'A Naifa, uma banda que desde 2004 (ano em que surgiu com o álbum *Canções Subterrâneas*) coloca aos críticos musicais a impossível tarefa de catalogá-la. Dificuldade que em nada tem atrapalhado o quarteto de Naifas de prosseguir com afinco um projecto musical a vários títulos singular, que cruza o fado com a música tradicional portuguesa (a que habita a memória da generalidade dos portugueses), com uma poesia de pendor pós-modernista (de que Adília Lopes e Tiago Gomes talvez sejam exemplares representantes) e, *lato sensu*, com a sempre actual ideologia divergente chamada *punk*.

Reinventar a música portuguesa

Musicalmente, A Naifa assenta essencialmente nos percursos e imaginários musicais dos guitarristas João Aguardela e Luís Varatojo, talentos públicos pelo menos desde a segunda metade dos anos oitenta, época em que fundaram bandas como os Peste&Sida ou os Sitiados, tendo mais recentemente dado corpo a projectos como Linha da Frente ou Megafone, que reinventaram a música tradicional portuguesa, casando-a com as palavras dos poetas do país português. Há entretanto entre estes dois elementos fundadores d'A Naifa e os restantes, afinidades electivas evidentes: o actual baterista, Paulo Martins (um ex-metálico dos Ramp) integra a brigada de tambores do projecto *Viagens do Tambor*, e Mitó, a voz poderosa d'A Naifa, é uma rapariga dada ao fado e à música tradicional portuguesa. «Sempre cantei fado e música tradicional portuguesa. Como diversão. Apetece-me ir aos fados e vou cantar o meu fadinho. E nos santos populares cravam-me para cantar umas marchas.» Ex-violoncelista, Maria Antónia Mendes foi musicalmente formada na música erudita, mas também a ouvir José Afonso, Sérgio Godinho, Chico Buarque, e Amália, claro. «As letras do Chico Buarque, tal como as do Zeca Afonso, eu percebia que queriam dizer bastante mais do que pareciam, eu sentia que havia ali outras leituras.»

Banda de culto

Muito justamente reclamando-se cá da terra, a música d'A Naifa é a nossa *pop* de hoje — um som que contém o fado, a guitarra portuguesa, o *rock* e a electrónica, que se pode cantar e dançar, e que muito embora quase não passe na rádio, vive secretamente dentro de cada um dos muitos seguidores daquela que é porventura a primeira banda de culto portuguesa dos anos 2000. Quando daqui a uns anos al-

guém escrever sobre a música portuguesa do princípio do século XXI não poderá esquecer A Naifa – por todas as razões adjectivas, sejam as do novo fado, as do génio e criatividade musical ou as de ordem literária. Convocados para as letras das canções d'A Naifa estão os assuntos naturais da poesia, a de hoje e a de sempre, os amores não retribuídos, a culpa, a solidão, e ainda todas as disforias próprias à urbanidade contemporânea portuguesa, matérias centrais na obra poética de uma panóplia de autores a que A Naifa chamou seus: Ana Paula Inácio, Carlos Luís Bessa, Eduardo Pitta, Rui Lage, José Mário Silva, Adília Lopes, José Luís Peixoto, Rui Pires Cabral, Pedro Sena-Lino, Nuno Marques, Tiago Gomes, João Miguel Queirós, Nuno Moura e a misteriosa Olga Maria Rodrigues Teixeira.

Mistério de sucesso

Autora da totalidade dos temas de *Uma Inocente Inclinação para o Mal*, Maria Rodrigues Teixeira (assim assina a autora) é uma portuguesa de trinta e muitos anos, ao que se sabe sem domicílio fixo, a viver entre Portugal e a Catalunha, e cujo programa de vida preconiza que se trabalhe menos para viver melhor, e também que se desprezem as oferendas da lisonja e demais enganos da fama. Maria Rodrigues Teixeira é alguém que um dia apareceu num concerto d'A Naifa em Tondela a perguntar se estavam interessados em ler textos poéticos da sua autoria, que talvez dessem boas canções. Uma proposta que os membros d'A Naifa aceitaram de bom grado, tendo mais tarde recebido pelo correio uma resma de letras assinadas por Maria Rodrigues Teixeira. O crescente interesse dos *media* pelo projecto d'A Naifa colocou os jornalistas no encaço da autora das letras das can-

ções que tanto entusiasma o público. Porém sem sucesso, já que desde o encontro fortuito em Tondela os únicos contactos entre Maria Rodrigues Teixeira e A Naifa têm sido por sms e de forma espaçada e irregular.

Letras sem panos quentes

Adensando-se o mistério, há quem já tenha inclusive sugerido que Maria Rodrigues Teixeira pudesse não passar de uma invenção d'A Naifa, uma construção destinada a criar um ícone mediático sem existência real, tornado apetecível pelo mistério. Outros há para quem Maria Rodrigues Teixeira (M.R.T.) poderia ser tão-somente um alter ego de alguém conhecido por outro nome, e outra escrita. Invenção ou não, uma coisa é certa: M.R.T. inventou uma nova forma de escrever canções em português, falando sem panos quentes do que insidiosamente incomoda cada um de nós: as tentações do corpo e as da alma, a hipocrisia, as boas imitações da harmonia social, os contratos conjugais, a náusea da banalidade, a irrelevância de tudo, a inocente inclinação para o mal que tragicamente nos habita a todos. Um sentido político? Talvez sim. Dizem que fazem a música que têm de fazer. Mas sim, que o facto de a estarem a fazer hoje em dia, nos moldes em que a fazem, «é um acto político», afirma Luís Varatojo, «porque vai contra uma série de coisas, caso dos formatos». Já Mitó adianta que «se considerarmos que a maioria das pessoas está adormecida as nossas letras acordam-nas, e isso é também um acto político. Quando recebemos as letras de Maria Rodrigues Teixeira, elas despertaram coisas em mim. Embora nós já estivéssemos habituados às letras fortes, que mexem com as coisas recalcadas dos portugueses».



Luís Varatojo, Paulo Martins, João Aguardela e Mitó. Os elementos d'A Naifa confraternizam nos camarins imediatamente antes de subirem ao palco da Moita.



Filha de duas mães

(Maria Rodrigues Teixeira)

*filha de duas mães
adoro vesti-las de igual
tenho andado à tua procura
para te amar.
sobre a mesa posta
sem nenhuma vaidade
ensinar-te-ei meu amor
a praticar a caridade.
nunca direi saudade
ligo pouco ao que se diz
mas não levo muito a mal
a ideia de ser feliz.*

Contabilizando já alguns sucessos de palco (*Señoritas*, *Monotone*, *Filha de Duas Mães*), os elementos d'A Naifa olham com desconfiança para os críticos de música que os acusam de não ter ainda sido capazes do golpe de asa que supostamente lhes faltaria para figurar nas *playlists* radiofónicas. Apontam o dedo às rádios por insistentemente privilegiarem as *playlists* feitas quase unicamente de *best-sellers* musicais, a maioria *tops* de vendas internacionais, fabricados em Inglaterra ou nos Estados Unidos. Têm um discurso mediático exigente, necessariamente crítico – do sistema, das idiosincrasias de um país encavalitado em dois tempos, do comércio da música. Não aceitam ir a *talk shows* nem emprestam as suas canções para as bandas sonoras das novelas da TV. Reclamam-se da música livre dos constrangimentos do *marketing* dos tempos modernos, que tudo transforma e formata em produtos de grande consumo. Contam com *uma imensa minoria* de fãs, de norte a sul, gente que lhes segue as passadas através dos *sites* que mantêm constantemente actualizados na internet, empenhados em mobilizar

um público que cresce de disco para disco e de concerto para concerto. Enchem as grandes salas do país todo, já foram a Madrid, a Rabat (Marrocos), têm concertos agendados em Barcelona e Antuérpia.

Embaraços da classificação

Mas, apesar disso, não têm lugar na rádio. Porque, afirma Luís Varatojo, «as rádios estão demasiado formatadas e a nossa música não se encaixa nesses padrões, nessa grelha muito apertada. O que é pena, porque o melhor veículo ainda continua a ser a rádio. Dizem-nos que somos demasiado clássicos para a Antena 3 e demasiado modernos para a Antena 1. É claro que há excepções, como a Rádio Universidade do Minho, a Rádio Universidade de Coimbra ou a de Aveiro, que têm programações em que cabem todas as músicas. Mas as rádios de cobertura nacional não têm essa liberdade». A liberdade de dar lugar a um projecto em que tudo parece ir contra os princípios da formatação: os títulos dos discos (*3 Minutos antes de a Maré Encher*, o disco editado em 2006, por exemplo), as letras como

murros no estômago, com vários níveis de leitura, o som desconchavado, uma espécie de fado desmanchado. «Já nos classificaram de todas as maneiras», conta Luís Varatojo. «Uns dizem que é fado, outros *trip-hop*, *trip-fado*... é claro que a nossa música tem fado. Musicalmente isso é evidente, e inegável. E talvez também nas temáticas seja fado. Sim, qualquer um dos temas deste disco podia ser cantado em fado.» Já Mitó pensa que há temas que estão na fronteira (por vezes ténue, lembra Varatojo, aludindo talvez ao reportório tradicional da guitarra portuguesa) entre o fado e o folclore. «O fado está mais na moda, e talvez por isso as pessoas encontrem sobretudo o fado na nossa música. Mas se se prestasse a mesma atenção ao folclore, acho que as pessoas também o encontrariam na nossa música», diz a vocalista d'A Naifa, actriz de formação, entretanto também formada em Medicina Tradicional Chinesa.

Uma música que contém em qualquer dos casos todos os paradigmas da portugalidade, e que existe, tal como o país, na justaposição de tempos distintos, o do Portugal rural do sé-

culo XX, antes da globalização, e o do Portugal de hoje, diluído nas águas comunitárias. «O país é assim mesmo», diz Luís Varatojo. «Basta tirar a cor aos programas de televisão feitos cá, e ficamos logo outra vez nos anos sessenta.» Uma música que vive da memória inconsciente de uma música regional multiforme, riquíssima. «Isso, esse lado mais ligado à música tradicional portuguesa advém muito do trabalho do João Aguardela, que é um grande aficionado da música regional portuguesa, e que fez recolhas e tem um grande espólio do Giacometti e do José Alberto Sardinha, que tem usado para o trabalho dele, nomeadamente com o projecto *Megafofone*», explica Luís Varatojo.

Público transversal

Uma música que nos dorme, e que A Naifa faz redespertar, para goáudio de um público justificado e vasto. Mitó pensa que se trata de um público muito eclético, que «abrange pessoas muito diferentes, e de idades diferentes também, desde jovens universitários até aos avós deles. Mas com uma tendência mais

jovem». Varatojo concorda. «Nós usamos muito a internet. Se não houvesse a internet talvez não existíssemos ou, enfim, talvez tivéssemos uma existência muito mais dificultada. A nossa comunicação é sobretudo feita através da internet, o nosso *blog*, o Myspace, o nosso *site*, o Youtube. E as pessoas que usam mais a internet são as mais novas, e isso nota-se nos espectáculos. Mas temos depois uma fatia de público oriunda das camadas mais velhas, pessoas que se interessam por música, e que sempre gostaram de ir a espectáculos e de comprar discos, que estão atentas e que acabam por nos descobrir».

Manobras preparatórias

Passámos com A Naifa algumas horas, umas oito, entre o momento em que a meio da tarde, algures em Lisboa, entrámos na carrinha conduzida pelo *tour manager* Alexandre Nobre, e aquele em que nos despedimos, já meia-noite passada, na Moita. Mas várias horas antes iniciavam-se manobras preparatórias envolvendo pessoal técnico vário, gente cujo *métier* cabe na classificação das profissões invisíveis, mas sem as quais um concerto não seria possível: alguém levantava a carrinha *station*, carregava-se o equipamento de som e de luz, montava-se o dito, cabos, mesas, micros, colunas, *spots*, todos tomando os seus lugares na sala de lugares ainda vazios, porém já a encher-se das vibrações do espectáculo.

Os ensaios

Vimo-los a transformar-se, de pessoas iguais a nós que iam connosco na *station* tranquilamente, em músicos atarefadíssimos, que durante os ensaios montaram a bateria, afinaram guitarras, ajustaram coisas sonoras e luminosas, o volume sonoro, o corpo e as cores dele, as luzes, os microfones, o som dos instrumentos a surgir distorcido, graves e agudos que se acrescentam ou se suprimem, tambores a chegar e a tomar conta da sala, a sala a tremer, os pratos da bateria a ressoar, a voca-



Rapaz a arder

(Eduardo Pitta)

*Está um rapaz a arder
em cima do muro,
as mãos apaziguadas.
arde indiferentemente
à neve que o encharca.
Outros foram capazes
de lhe sabotar o corpo,
archote glacial
nunca ninguém apagou
esse lume.*

lista a abordar as primeiras canções, a recen-trar o corpo, a procurar o lugar da voz no corpo, o lugar do corpo no palco, interrupções, informação trocada entre o pessoal técnico e os músicos, reajustes no alinhamento das canções, uma canção que se acrescenta (*Hé-cuba*), a guitarra portuguesa a crescer, enorme, o baixo a vibrar no epicentro do peito.

Nos camarins

Vimo-los mais tarde a tricotar os nervos enquanto se iam preparando, roupa preta que se veste, últimas afinadelas na guitarra portuguesa, a vocalista-fadista num camarim *casta-fiorando*, os rapazes noutro, pequenos círculos de pessoas que se revezam segundo critérios insondáveis e se formam em torno de

uma mesa cheia de fruta e bebidas, o medo de feltro a rondá-los, logo dissipando-se, eles de repente parecendo perfeitamente serenos, a conversar connosco como se não estivessem a minutos de subir ao palco, reféns da contagem perigosamente decrescente que vai sendo actualizada, a hora da verdade retardada de uns minutos para dar tempo aos mais atrasados, um *slideshow* de 12 minutos a fazer de relógio e finalmente o anúncio da partida, da largada escada acima em direcção ao palco.

O espectáculo

Assistimos ao concerto atrás do palco, calados que nem uns ratos, circulando num perímetro estrito e segundo as regras comunicadas pela produção do concerto. Uma hora e meia voou, as canções parecendo mais pequenas, encurtadas pela espiral do espectáculo – 16 canções passando velozes, e depois mais três, as da praxe do *encore* a que todos os públicos têm direito (entre as quais uma versão da mítica *Subida aos Céus*, escrita por Regina Guimarães para as Três Tristes Tigres), e ainda uma mais, oferta d'A Naifa para públicos entusiastas: *A Desfolhada*, cantada como um hino às entrelinhas e ao Portugal que não nos morre. <<

A **nm** agradece aos elementos d'A Naifa, em particular a Paula Gonçalves e a Alexandre Nobre, o apoio logístico e a disponibilidade para nos receberem em reportagem no âmbito do concerto da Moita (Fórum Cultural José Manuel Figueiredo), integrado na digressão de promoção do disco *Uma Inocente Inclinação para o Mal*.



Um passeio pela Moita antes do concerto.